



OS DESAFIOS DA IMPLEMENTAÇÃO DO ENSINO HÍBRIDO NA EDUCAÇÃO BÁSICA DAS ESCOLAS PÚBLICAS

THE CHALLENGES OF IMPLEMENTING HYBRID EDUCATION IN BASIC EDUCATION IN PUBLIC SCHOOLS

Nelson dos Santos Franco¹

Ronaldo Battaglia Jayme²

Alex Gonçalves Colletes³

Auriluci Carvalho Figueiredo⁴

Elizabeth Magalhães de Oliveira⁵

RESUMO

Este artigo aborda a possibilidades da implementação da Educação Híbrida nas escolas. Reflete-se sobre os diversos fatores que contribuem e também sobre os obstáculos que dificultam o uso adequado dessa metodologia no processo educacional. O objetivo deste artigo é lançar um olhar sobre os caminhos a serem percorridos e sobre os desafios a serem superados para que o Ensino Híbrido promova a aprendizagem significativa. A metodologia utilizada é a pesquisa bibliográfica. Inicia-se com a abordagem do desenvolvimento tecnológico; contextualiza-se a inserção das ferramentas tecnológicas no processo educacional; conceitua-se a Educação Híbrida; discorre-se sobre os aspectos mais relevantes da implementação dessa metodologia. Os resultados desta pesquisa apontam, sobretudo: que o advento do desenvolvimento tecnológico trouxe novos anseios ao aluno nativo digital, assim como novas exigências para o mercado de trabalho e, principalmente, um novo olhar e novas perspectivas para a educação; que as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) devem ser inseridas no processo educacional como ferramentas didáticas; que o isolamento social trazido pela pandemia da Covid-19 acelerou a necessidade da atualização das metodologias educacionais e da reformulação da sala de aula; que o Ensino Híbrido trouxe a resposta adequada para essas questões, se firmando como uma das tendências educacionais mais importantes do século XXI; que a efetiva implementação da Educação Híbrida perpassa por diferentes caminhos e por diversos desafios para que consiga atingir o seu objetivo maior que é a aprendizagem significativa.

PALAVRAS-CHAVE: Tecnologias educacionais. Aprendizagem ativa. Educação à distância. Ensino híbrido.

¹nelsondossantosfranco1983@gmail.com

²ronaldojayme@hotmail.com

³alexcolletes@gmail.com

⁴auriluci.figueiredo@unimes.br

⁵elizabeth.oliveira@unimes.br



ABSTRACT

This article addresses the possibilities of implementing Hybrid Education in schools. It reflects on the various factors that contribute and also on the obstacles that hinder the proper use of this methodology in the educational process. The purpose of this article is to take a look at the paths to be taken and the challenges to be overcome so that Hybrid Education promotes meaningful learning. The methodology used is bibliographic research. It starts with the technological development approach; the insertion of technological tools in the educational process is contextualized; Hybrid Education is conceptualized; the most relevant aspects of the implementation of this methodology are discussed. The results of this research point out, above all: that the advent of technological development has brought new expectations to the native digital student, as well as new demands for the labor market and, mainly, a new look and new perspectives for education; that Digital Information and Communication Technologies (TDIC) must be inserted in the educational process as didactic tools; that the social isolation brought about by the Covid-19 pandemic accelerated the need to update educational methodologies and reformulate the classroom; that Hybrid Education brought the adequate answer to these questions, establishing itself as one of the most important educational trends of the 21st century; that the effective implementation of Hybrid Education involves different paths and different challenges so that it can achieve its main objective, which is meaningful learning.

KEYWORDS: Educational technologies. Active learning. Distance education. Hybrid teaching.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo tem como tema a implementação da educação híbrida nas escolas de educação básica. A linha de pesquisa aqui trazida trata das metodologias ativas de aprendizagem. Este tema se justifica pela necessidade de adequação das metodologias educacionais às novas exigências do mercado de trabalho da era digital, assim como aos anseios dos estudantes nativos digitais e, ao mesmo tempo, ao que determina o texto da Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2018), por exemplo na quinta competência geral da educação básica, que cita

[...] compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.” (BRASIL, 2018, p.11).



O objetivo deste estudo é lançar um olhar sobre os caminhos a serem percorridos e sobre os desafios a serem superados para a inserção do ensino híbrido no processo de ensino e aprendizagem. A relevância deste estudo está imbuída na compreensão de que existem muitos desafios na reinvenção tanto da estrutura da sala de aula quanto das abordagens pedagógicas praticadas no processo de ensino e aprendizagem. A questão que move esta pesquisa é indagar: quais são os aspectos mais relevantes a serem considerados antes de se pretender integrar o ensino híbrido no processo educacional, objetivando tornar o aprendizado mais prazeroso e mais significativo?

A metodologia da pesquisa é a pesquisa bibliográfica, realizada em textos científicos da literatura da área pesquisada, uma investigação qualitativa e descritiva com abordagem das ideias e teorias de autores como Valente (2014), que aponta que o novo modelo de produção e de serviço, baseado no conhecimento, fez com que a abordagem pedagógica tradicional ficasse obsoleta; Dewey (1950), citado por Bacich & Moran (2018), que defende que o aluno só vai desenvolver o interesse para aprender aquilo que está próximo da própria realidade e do estágio de desenvolvimento em que se encontra; Horn & Staker (2015), que pontuam o Ensino Híbrido já se consolidou como uma das principais tendências da atualidade; Moran (2015), que coloca que híbrido significa misturado, mesclado, blended, com o currículo mais flexível em relação aos espaços de estudo, horários e até mesmo ao planejamento, destacando que o processo educacional sempre foi híbrido, de muitas misturas que, atualmente, foi impulsionado pelo advento da mobilidade e da conectividade.

O percurso se inicia com o levantamento e a organização dos dados e das ideias centrais, contextualizando a inserção das ferramentas tecnológicas na educação. Traz a definição de Ensino Híbrido, contudo, sem ter a intenção de apresentar os seus modelos e ferramentas. Apresenta os principais desafios da implementação da educação híbrida nas escolas de educação básica e, por fim, traz o nosso entendimento e as nossas considerações sobre a questão que move esta pesquisa.



2. CONTEXTO EDUCACIONAL

Os avanços tecnológicos das últimas décadas e a facilidade de acesso à internet facilitaram o acesso indiscriminado a todos os tipos de informações, tornando cotidianas algumas expressões do tipo “era digital”, “era da informação” e “sociedade do conhecimento”. Neste contexto, o mundo viu a chegada das tecnologias proporcionar uma democratização sem precedentes do conhecimento, provocando mudanças significativas no jeito de pensar e de agir das pessoas e das organizações.

A nova realidade tecnológica vem forçando uma constante reinvenção das práticas pedagógicas, forjando a criação de novas formas de trabalhar o aprendizado dentro e fora da sala de aula. Valente (2014), explica que “a sala de aula tradicional é um subproduto do industrialismo, idealizada na concepção da linha de montagem e com o propósito de treinar os alunos segundo as conformidades do modelo industrial.” De acordo com o autor, a substituição do modelo de produção industrial pelo modelo de produção e de serviço baseados na economia do conhecimento fez com que a abordagem pedagógica tradicional ficasse obsoleta.

Concomitantemente, os alunos do século XXI, nativos digitais, habituados a um cotidiano que se alterna a todo tempo entre vivências reais e virtuais, desenvolveram profundas mudanças comportamentais. Alicerçados pela facilidade de acesso à informação e ao conhecimento, deixaram de entender o professor como a única fonte do saber. Além disso, muitos desses alunos deixaram de encarar o período escolar como uma fase natural, necessária e prazerosa no seu processo evolutivo.

Segundo Dewey (1950), citado por Bacich & Moran (2018, p. 38), “aprendemos o que nos interessa, o que encontra ressonância íntima, o que está próximo do desenvolvimento em que nos encontramos”. Como consequência, frequentar aquela escola que ainda adota o formato de aula tradicional, expositiva já não atende mais às necessidades dos alunos e se tornou uma rotina entediante, desmotivadora, desprazerosa e até mesmo indesejada por muitos estudantes.



A integração das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) como ferramentas didáticas de apoio ao processo de ensino e aprendizagem é uma tentativa bem sucedida de encontrar um alinhamento adequado a esse novo contexto, proporcionando importantes mudanças na educação, uma vez que dinamizam a apresentação dos conteúdos e permitem a utilização de diversas linguagens, tornando, com isso, as aulas muito mais dinâmicas e prazerosas. Essas tecnologias conectam e contextualizam o conteúdo das aulas nas situações reais do cotidiano desse aluno, direcionando-o para um novo jeito de pensar, de compreender e de resolver os problemas.

O que se observa, entretanto, é que os caminhos a serem percorridos ainda são incertos e que os desafios a serem superados para o uso adequado das tecnologias a serviço da educação ainda são muitos e são grandes.

A finalidade que o aluno dá para as ferramentas tecnológicas, por exemplo, é um motivo de grande preocupação. O fator novidade, a curiosidade, as infinitas possibilidades de navegação, de criação e de interação tendem a dispersar a atenção do estudante. A escola necessita, portanto, prepará-lo para saber diferenciar um momento de lazer de outro, indispensável, de foco e de concentração na pesquisa ou na atividade que está sendo realizada.

O uso consciente da internet é outro desafio a ser superado. Se, por um lado, a tecnologia nos permite o acesso praticamente infinito ao universo de informações, por outro, o aluno precisa desenvolver a habilidade de avaliar criticamente as informações encontradas, de maneira que consiga identificar quais são as informações mais relevantes e quais são as fontes mais confiáveis.

O texto da Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2018) trata destas questões quando verbaliza a implementação da “cultura digital” na escola, definindo-a da seguinte maneira:

Cultura digital: envolve aprendizagens voltadas a uma participação mais consciente e democrática por meio das tecnologias digitais, o que supõe a compreensão dos impactos da revolução digital e dos avanços do mundo digital na sociedade contemporânea, a construção de uma atitude crítica, ética e responsável em relação à multiplicidade de ofertas midiáticas e digitais, aos usos possíveis das diferentes tecnologias e aos conteúdos por elas veiculados, e, também, à fluência no uso da tecnologia digital para



expressão de soluções e manifestações culturais de forma contextualizada e crítica. (BRASIL, 2018, p.474).

Olhando por outro ângulo, os educadores, não podem perder de vista que foi atribuída a eles (e não à tecnologia) a responsabilidade pela formação do aluno enquanto ser integral. Também não podem incorrer no erro de utilizarem as ferramentas tecnológicas apenas para que a sala de aula ou a escola sejam transformadas num local de entretenimento dos alunos.

Outra questão que merece ser levantada é que, frente à desigualdade social, muitas vezes a escola se apresenta como a única fonte de acesso às informações e aos recursos tecnológicos. Diante disso, a escola deve fazer mais do que alfabetizar tecnologicamente o aluno. Deve prepará-lo para ser capaz de fazer a correta leitura e interpretação de problemas, assim como desenvolver o pensamento criativo, a reflexão crítica, a capacidade para a elaboração de projetos para a resolução desses mesmos problemas e daqueles que ele vai encontrar fora dos muros da escola e, em última análise, deve prepará-lo para o efetivo exercício da cidadania.

Existe, ainda, outro aspecto muito relevante que precisa ser considerado. Mesmo que a tecnologia já esteja inserida, de maneira geral, na vida do estudante, a inserção dela no processo educacional, por si só, não encerrou os desafios da educação. Foi preciso buscar a adequação dos modelos pedagógicos às novas exigências do mercado de trabalho da era digital, assim como aos anseios dos estudantes nativos digitais e, ao mesmo tempo, ao que preconiza o texto da BNCC (BRASIL, 2018), conforme podemos observar no trecho a seguir:

Para responder a essa necessidade de recriação da escola, mostra--se imprescindível reconhecer que as rápidas transformações na dinâmica social contemporânea nacional e internacional, em grande parte decorrentes do desenvolvimento tecnológico, atingem diretamente as populações jovens e, portanto, suas demandas de formação. Nesse cenário cada vez mais complexo, dinâmico e fluido, as incertezas relativas às mudanças no mundo do trabalho e nas relações sociais como um todo representam um grande desafio para a formulação de políticas e propostas de organização curriculares para a Educação Básica, em geral, e para o Ensino Médio, em particular. (BRASIL, 2018, p. 462).

Tornou-se, portanto, inevitável ter que repensar tanto a estrutura da sala de aula quanto a abordagem pedagógica a ser utilizada. Foi nesse contexto que nasceu a



educação híbrida. Segundo Horn & Staker (2015), o Ensino Híbrido já se consolidou como uma das tendências mais importantes da educação no século XXI. Ele não chega a ser uma novidade, mas, passou a ganhar mais atenção e espaço graças a dois acontecimentos distintos e marcantes: o advento do desenvolvimento tecnológico ocorrido a partir do final século passado e a chegada da pandemia do Covid-19, no início do ano de 2020, que provocou o isolamento social e o fechamento das escolas.

3. ENSINO HÍBRIDO: INFINITAS POSSIBILIDADES

Em resposta a essa nova realidade, o Ensino Híbrido, que até bem recentemente era mais comumente empregado no Ensino Superior, vem se tornando uma importante ferramenta metodológica da Educação Básica.

Muito embora a necessidade de novas metodologias de ensino tenham aflorado o meio educacional com o advento da Pandemia do Covid-19 quando as escolas se viram à frente de aulas em ensino remoto, onde a comunicação do professor e alunos se trata online, o conhecimento se propaga, no entanto, de forma desordenada, pela emergência do momento. Esse movimento diferencia de Ensino Híbrido, que pressupõe uma metodologia de ações reflexivas, planejadas e articuladas de formas diferentes, com ferramentas pedagógicas e tecnologias diversificadas.

Moran (2015), coloca que a educação, em seus vários aspectos, sempre foi um processo híbrido, de muitas misturas. O autor destaca que:

Híbrido significa misturado, mesclado, blended. A educação sempre foi misturada, híbrida, sempre combinou vários espaços, tempos, atividades, metodologias, públicos. Esse processo agora, com a mobilidade e conectividade, é muito mais perceptível, amplo e profundo: é um ecossistema mais aberto e criativo. Podemos ensinar e aprender de inúmeras formas, em todos os momentos, em múltiplos espaços. Híbrido é um conceito rico, apropriado e complicado. Tudo pode ser misturado, combinado e podemos, com os mesmos ingredientes, preparar diversos “pratos” com sabores muito diferentes. (MORAN, 2015, p. 1).

O ensino é híbrido porque combina períodos de estudos onde o aluno estuda sozinho, on-line, de maneira remota, com outros períodos presenciais, em que existe a interação com o professor e com os demais colegas de classe.



Segundo Horn & Staker (2015), a educação híbrida pressupõe que a aprendizagem seja integrada (on-line e presencial), que os estudantes tenham algum controle sobre o tempo, o lugar, o caminho e o ritmo da aprendizagem e, ainda, que haja supervisão, mesmo em local físico fora da escola.

A educação híbrida, ao mesclar momentos de ensino e aprendizagem presenciais e remotos, tornam as atividades escolares personalizadas, mais dinâmicas, mais motivadoras e, portanto, mais significativas. O resultado prático dessa metodologia de ensino é a potencialização do desenvolvimento do aluno em ambos os ambientes.

De acordo com Ribeiro (2021), a principal característica do Ensino Híbrido é “a personalização do processo de ensino-aprendizagem associada à utilização de tecnologias”, levando ao seu objetivo central que é o de conduzir o aluno a exercer o protagonismo do próprio processo de aprendizagem. O autor destaca que:

Falar em personalização (ou ensino individualizado) não é novidade. Tampouco ela está necessariamente ligada ao Ensino Híbrido. Entretanto as novas tecnologias contribuem muito para esse fim... Se, na visão da personalização do ensino, as práticas e os conteúdos são pensados em consonância com as necessidades, carências e interesses do aluno, na abordagem do Ensino Híbrido, a tecnologia traz os insumos para facilitar a identificação dessas necessidades, carências e interesses. (RIBEIRO, 2021, p. 3).

Ao estudar de forma remota com o apoio das tecnologias, o aluno desenvolve mais responsabilidade sobre o seu processo educacional e alcança uma maior autonomia para escolher com quem, onde, quando e como quer estudar.

De acordo com Moran (2015), no Ensino Híbrido

[...]o currículo é mais flexível, com tempos e espaços integrados, combinados, presenciais e virtuais, nos quais nos reunimos de várias formas, (...) com muita flexibilidade, sem horários rígidos e o planejamento engessado”. (MORAN, 2015, p.42 in BACICH, Lilian(org)).

Ainda que a educação híbrida represente uma adequação às competências propostas pela Base (BNCC), que inclui a implementação da cultura digital nas escolas, o currículo escolar não necessariamente precisa sofrer grandes mudanças, uma vez que os conteúdos a serem abordados e as habilidades a serem



desenvolvidas continuam sendo os mesmos que a Base determina. O que muda, na verdade, é a forma de abordagem desses conteúdos e habilidades.

Ribeiro (2021), ao se referir aos modelos descritos na nota técnica do Centro de Inovação para a Educação Brasileira (CIEB), classifica os modelos de Ensino Híbrido em: modelos por rotação (laboratório rotacional, rotação individual, rotação por estações e sala de aula invertida), modelo flex, modelo à la carte e modelo virtual aprimorado. (RIBEIRO, 2021, p. 3).

Para tratarmos, ainda que de maneira bem superficial, desses modelos, vamos nos ater àquele que talvez seja o mais conhecido: o modelo de sala de aula invertida. Segundo o autor:

Aqui, temos um modelo basilar das Metodologias Ativas. Na sala de aula invertida, a ideia é que os alunos cheguem na sala já tendo visto o conteúdo, pois, assim, o professor poderá focar em sanar as dúvidas enquanto propõe a resolução de exercícios ou a discussão do tema, por exemplo, a fim de construir coletivamente o conhecimento.

Assim, tendo o controle do seu tempo de estudo, o estudante, em sua casa, entra em contato com o conteúdo, por meios digitais ou não, e o professor ganha o tempo da aula para focar na facilitação. (RIBEIRO, 2021, p. 4).

A sala de aula invertida é um modelo que intuitivamente vem sendo desenvolvido em atividades onde o professor propõe prévia pesquisa de um tema a partir de questionamentos a serem discutidos em uma determinada aula, que pode ser assíncrona ou síncrona.

A Sala de Aula Invertida consiste em planejar trilhas de aprendizagem compostas por materiais em diferentes formatos e níveis de complexidade, para que sejam acessados pelos estudantes em outros momentos, que não os de interação síncrona. Descobrimos, a duras penas, que os momentos em que estivermos juntos devem ser ricos em interação, priorizando o convívio e valorizando a potência cognitiva inerente ao “estar juntos”(FTD, B-LAB, 2021).

A forma de tratar a metodologia depende de um diagnóstico de condutas o qual demonstra como o processo poderá atuar diante do aluno personalizado na escola em referência.

A aprendizagem mais intencional (formal, escolar) se constrói num processo complexo e equilibrado entre três movimentos ativos híbridos principais: a construção individual – em que cada aluno percorre e escolhe seu caminho,



ao menos parcialmente -; a grupal – em que amplia sua aprendizagem por diferentes formas de envolvimento, interação e compartilhamento de saberes, atividades e produções com seus pares, com diferentes grupos, com diferentes níveis de supervisão docente e a tutorial, em que aprende com a orientação de pessoas mais experientes em diferentes campos e atividades (curadoria, mediação, mentoria).(FALCÃO, MORAN, 2015)

A partir dessas observações e escolhas se dá o meio que melhor poderá atuar em situações particulares dos grupos escolares. O livro feito para professores “Ensino Híbrido: personalização e tecnologia na educação” (BACICH; TANZI NETO; TREVISANI, 2015) apresenta-se como um livro feito por professores para professores. são apresentadas possibilidades de integração das tecnologias digitais ao currículo escolar, de forma a alcançar uma série de benefícios no dia a dia da sala de aula, como o maior engajamento dos alunos no aprendizado e o melhor aproveitamento do tempo do professor para momentos de personalização do ensino por meio de intervenções efetivas.

4. O AMBIENTE ESCOLAR

Durante a caminhada para a adequada implementação da educação híbrida na educação básica das escolas públicas, contudo, muitos desafios precisam ser identificados e superados. Há de se considerar com muito cuidado o ambiente escolar a que se pretende atuar pois o planejamento depende de condições disponíveis para acesso tecnológico, ou recursos de possíveis manejos pedagógicos, tais como laboratórios, materiais de pesquisa e de atuação adequada aos propósitos de aprendizagem.

Diante do que foi levantado nas pesquisas bibliográficas, e sem pretender encerrar as discussões sobre essa questão, pode-se apontar alguns desafios e quais os caminhos a serem seguidos, no intuito de, se não for possível superá-los, pelo menos conseguir minimizar os seus efeitos.

Segundo Ribeiro (2021), uma questão crucial para a efetividade da implementação é a necessidade do engajamento dos gestores escolares:

Antes de tudo, é preciso que diretores e coordenadores estejam engajados na adesão do novo modelo de ensino. Para que a cultura escolar seja atualizada de acordo com os preceitos do Ensino Híbrido, os gestores da escola devem acompanhar de perto a implementação e estar dispostos a



investir nas atualizações propostas pelo planejamento escolar, inclusive no que se refere à infraestrutura. (RIBEIRO, 2021, p. 5).

Também cabe ressaltar que, apesar de manter a estrutura da sala de aula, tanto a escola quanto os alunos precisam, necessariamente, dispor de equipamentos (recursos tecnológicos) e de acesso à rede de internet. E, como todos nós sabemos, frente às desigualdades sociais, nem todas as escolas e, principalmente, nem todos os estudantes tem condições para que isso ocorra.

Nesse contexto, cabe mais um desafio: antes de definir um planejamento com práticas pedagógicas voltadas para a educação híbrida, de definir as ferramentas, as linguagens e as metodologias, deve-se buscar a aproximação com a comunidade em que a escola está inserida, de maneira a compreender melhor a realidade dos alunos e, desta forma, conseguir mensurar até onde será possível chegar dentro desta abordagem.

Outro desafio a ser superado diz respeito ao envolvimento do professor, da qualidade da sua formação inicial e da necessidade da formação continuada, que estejam voltadas para o desenvolvimento das habilidades que ele vai precisar para utilizar adequadamente as ferramentas tecnológicas e para desenvolver, efetivamente, um plano de aula que seja coerente com a metodologia escolhida.

O engajamento dos estudantes é outro fator imprescindível para o sucesso da educação híbrida. Afinal, se o aluno não comprar a ideia desta interação mista e não se aproximar dos conteúdos propostos, todo o investimento terá sido em vão. Ele, aluno, tem que estar maduro o suficiente para saber administrar o tempo destinado ao estudo, para saber pesquisar e avaliar criticamente, para conseguir se comunicar de maneira efetiva com o seu professor e com os demais colegas de classe, para, enfim, gerenciar o seu próprio processo de construção do conhecimento.

A avaliação educacional também é motivo de grandes desafios na implementação do Ensino Híbrido. Cabe ressaltar que a avaliação educacional do ensino híbrido deve ser um convite à reflexão, à interação e ao senso de comprometimento do aluno, destacando a sua autonomia e protagonismo.



Autores diferentes sugerem diferentes abordagens avaliativas, assim como diferentes nomenclaturas para conceitos semelhantes. Todos, porém, concordam que as metodologias avaliativas tradicionais não devem ser abolidas, mas, sim, complementadas com métodos mais eficientes e mais adequados à educação híbrida.

De uma maneira geral, as principais ferramentas de avaliação do Ensino Híbrido são: os mapas mentais, a auto avaliação, a construção de protótipos, a aprendizagem baseada em projetos, a resolução de tarefas nas plataformas digitais e as discussões em fóruns da turma.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O advento do desenvolvimento tecnológico trouxe um novo olhar e novas perspectivas para a educação. Mais recentemente, as consequências do isolamento social trazidas pela pandemia do Covid-19, que, dentre outras coisas obrigou o fechamento das escolas, acelerou a necessidade da atualização das metodologias educacionais e da reformulação da sala de aula.

As Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) devem ser inseridas no processo educacional enquanto ferramentas didáticas, visando a efetiva e contínua inovação, procurando auxiliar o professor na aproximação com o aluno e, sobretudo, deve ter a virtude de fazer desse aluno o centro do processo educacional e o protagonista da sua própria jornada rumo à construção do conhecimento.

Pensar numa metodologia que não se resume a apenas trazer os computadores e as tecnologias para dentro da escola. Pensar numa maneira de se ajustar à velocidade de cada aluno, flexibilizando os horários e os programas de estudo. Pensar em como promover a autonomia e o protagonismo do aluno para potencializar o aprendizado. Foram desses pensamentos que o Ensino Híbrido se constituiu, através da apropriação das tecnologias educacionais e da reformulação a estrutura da sala de aula, atualizando os modelos pedagógicos e reinventando a maneira de ensinar e de aprender, se firmando como a maior revolução do processo educacional, na atualidade.



Não tivemos a pretensão de esgotar as pesquisas sobre este tema e nem a de apresentar os métodos e técnicas da educação híbrida, mas, sim, o de lançar um olhar sobre os caminhos a serem percorridos e os desafios a serem superados para a sua implementação de maneira adequada, alinhada ao que determina a Base (BNCC), assim como às expectativas do novo mercado de trabalho da era digital e do conhecimento e, principalmente, direcionada aos anseios do estudante nascido digital.

Esperamos ter conseguido abordar as questões aqui levantadas de maneira a contribuir significativamente para o processo de formação inicial e continuada dos professores do século XXI, bem como para os demais interessados na educação híbrida, quando olhada sob o viés da aprendizagem significativa.

REFERÊNCIAS

BACICH, L.; TANZI NETO, A.e TREVISANI, F. de M. **Ensino Híbrido: personalização e tecnologia na educação**. Porto Alegre: Penso, 2015.

BACICH, Lilian & MORAN, José. (Orgs). **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso, 2018. Publicação eletrônica (e-PUB) disponível em <https://curitiba.ifpr.edu.br/wp-content/uploads/2020/08/Metodologias-Ativas-para-uma-Educacao-Inovadora-Bacich-e-Moran.pdf>. Acesso em 5 set 2021.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Ensino Médio**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 7 de set. 2021.

FALCÃO, Dênia. MORAN, José Manuel. **Metodologias ativas em modelos híbridos**. CURSOS PEIn- Práticas Educacionais Inovadoras Professores: Dênia Falcão e José Moran Publicado: 1º sem/2021 - CC BY.

ENSINOS HÍBRIDOS NA PRÁTICA–FDT-LAB Disponível em <<https://conteudoaberto.ftd.com.br/home-professor/ensino-hibrido-na-pratica/>> Acesso em 04/10/2021



HORN, Michael B. & STAKER, Heather. **Blended: usando a inovação disruptiva para aprimorar a educação.** Porto Alegre: Penso, 2015.

MORAN, José. **Educação Híbrida: um conceito-chave para a educação, hoje.** In: BACICH, L.; TANZI NETO, A.; TREVISANI, F. de M. (Orgs.). Ensino Híbrido: Personalização e Tecnologia na Educação. Porto Alegre: Penso, 2015, p. 27-45. Disponível em: http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2021/01/educa%C3%A7%C3%A3o_h%C3%ADbrida.pdf. Acesso em 7 set 2021.

RIBEIRO, Jean. **Ensino Híbrido: o que é e como implementar na escola.** Par. Tecnologia da Educação, 2021. Disponível em: <https://www.somospar.com.br/ensino-hibrido/>. Acesso em 22 de set 2021.

VALENTE, José. **Blended learning e as mudanças no ensino superior: a proposta da sala de aula invertida.** Curitiba: Editora UFPR, 2014, Educar em Revista, Edição Especial n. 4/2014, p. 79-97. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/nspe4/0101-4358-er-esp-04-00079.pdf>. Acesso em 7 set 2021.